

**Artigo****A força do silêncio: sexualidade e gênero na formação de professores no interior paulista****The force of silence: sexuality and gender in teacher's education in São Paulo's inland****La fuerza del silencio: sexualidad y género en la formación docente en el interior de São Paulo****Fábio Martins Gaioli¹, Ana Paula Leivar Brancaleoni²**

Universidade Estadual Paulista (UNESP), São José do Rio Preto – SP, Brasil

Resumo

Diante de um contexto sociocultural marcado pela opressão sobre a diversidade sexual e de gênero no Brasil, gerados pelo preconceito e intolerância decorrentes da homofobia, questiona-se o espaço ocupado pela escola neste cenário, instituição que dialoga com os processos ocorridos na sociedade em que está inserida. Assim, apresentamos os resultados da investigação sobre a temática sexualidade e gênero na formação de professores em Ribeirão Preto-SP e Jaboticabal-SP, bem como seus desdobramentos na atuação docente, na qual se analisa as questões multifatoriais que envolvem a abordagem deste tema no ensino. Tal tema é constituído por elementos teóricos e práticos que tocam aspectos formativos, institucionais, comportamentais, curriculares, epistemológicos, socioculturais e didático-pedagógicos do processo de escolarização. Com abordagem qualitativa e adotando-se por fundamentação teórica, principalmente, autores de perspectivas analíticas *queer* no meio educacional, utilizou-se como instrumento de coleta de dados entrevistas semiestruturadas com professores da rede pública de ensino, atuantes nos dois municípios mencionados, informações trabalhadas por meio da análise textual discursiva. Os professores relataram problemas e dificuldades formativas, socioculturais e institucionais no trabalho com a temática sexualidade e gênero no ensino, como a ausência deste tema na formação inicial e os reflexos deste processo na atuação docente, assim como em diversos aspectos que compõem o âmbito escolar. Constatou-se, também, a existência de aberturas e possibilidades para traçar caminhos que articulem mudanças e transformações com relação a temática sexualidade e gênero no cenário educacional.

¹Mestre em Ensino e Processos Formativos pela Universidade Estadual Paulista. ORCID id: <https://orcid.org/0000-0001-6137-4012> E-mail: fabiomartinsgaioli@gmail.com

²Docente do Programa de Pós-graduação em Educação Sexual (Mestrado profissionalizante) da UNESP/Araraquara e do Programa Multidisciplinar Interunidades de Pós Graduação Stricto Sensu "Ensino e Processos Formativos" (UNESP São José do Rio Preto/Ilha Solteira e Jaboticabal).
ORCID id: <http://orcid.org/0000-0002-5927-4175> E-mail: anapaulabrancaleoni@gmail.com

Abstract

Faced with a socio-cultural context marked by inequality and oppression in relation to sexual and gender diversity in Brazil, generated by prejudice and intolerance resulting from homophobia, the space occupied by the school in this scenario is questioned, an institution that dialogues with the processes occurring in society in which it is inserted. Thus, this article aims to present the results of research on the theme of sexuality and gender in teacher education in Ribeirão Preto-SP and Jaboticabal-SP, as well as its consequences in teaching, in which the multifactorial issues that involve the approach of this teacher are analyzed. This theme consists of theoretical and practical elements that touch on formative, institutional, behavioral, curricular, epistemological, sociocultural and didactic-pedagogical aspects of the schooling process. With a qualitative approach and adopting by theoretical basis, mainly authors of queer analytical perspectives in the educational environment, semi-structured interviews with teachers from public schools, working in the two mentioned municipalities, used information by through discursive textual analysis. Teachers reported formative, sociocultural and institutional problems and difficulties in working with the theme of sexuality and gender in teaching, such as the absence of this theme in initial training and the reflexes of this process in teaching, as well as in several aspects that make up the school environment. It was also verified the existence of openings and possibilities to trace paths that articulate changes and transformations in relation to sexuality and gender in the educational scenario.

Resumen

Ante un contexto sociocultural marcado por la opresión de la diversidad sexual y de género en Brasil, generado por el prejuicio y la intolerancia derivados de la homofobia, se cuestiona el espacio que ocupa la escuela en este escenario, institución que dialoga con los procesos que ocurren en la sociedad en que se encuentra insertado. Así, presentamos los resultados de la investigación sobre el tema sexualidad y género en la formación del profesorado en Ribeirão Preto-SP y Jaboticabal-SP, así como sus consecuencias en el desempeño docente, en el que las cuestiones multifactoriales que involucran el abordaje de este tema en la docencia se analizan. Esta temática está constituida por elementos teóricos y prácticos que tocan aspectos formativos, institucionales, conductuales, curriculares, epistemológicos, socioculturales y didáctico-pedagógicos del proceso escolar. Con un enfoque cualitativo y adoptando como fundamento teórico, principalmente autores de perspectivas analíticas queer en el ámbito educativo, se utilizaron entrevistas semiestructuradas como instrumento de recolección de datos con docentes de escuelas públicas, trabajando en las dos ciudades mencionadas, información trabajada a través de textos discursivos textuales. análisis. Los docentes informaron problemas y dificultades educativas, socioculturales e institucionales para trabajar la temática de la sexualidad y género en la docencia, como la ausencia de esta temática en la formación inicial y las consecuencias de este proceso en la docencia, así como en diversos aspectos que la integran. el entorno escolar. También se verificó la existencia de aperturas y posibilidades para trazar caminos que articulen cambios y transformaciones relacionadas con la sexualidad y el género en el escenario educativo.

Palavras-chave: Ensino, Formação de Professores, Gênero, Sexualidade.

Keywords: Teaching, Teacher's Education, Gender, Sexuality.

Palabras-clave: Docencia, Formación del profesorado, Género, Sexualidad.

Introdução

Esta pesquisa compõe o projeto “Diversidade Sexual e Direitos Humanos: processos formativos e ações de professores do interior de SP”, contemplado pelo Edital Capes nº 38/2017 – Educação em Direitos Humanos e Diversidades.

Diante de um contexto marcado pela desigualdade e opressão com relação às minorias sociais no Brasil, sobretudo quanto às violências ocorridas contra as manifestações da diversidade sexual e de gênero, questiona-se o espaço ocupado pelas instituições e órgãos governamentais neste problemático cenário e a função que estes exercem (MEDEIROS, 2019). Neste âmbito, a escola é uma instituição que se relaciona direta e indiretamente com tais processos ocorridos na sociedade em que está inserida. Portanto, considera-se o professor agente fundamental na articulação de processos educativos promotores do respeito à diversidade sexual e de gênero.

Nesta perspectiva, dedicados a desenvolver estudos acerca da sexualidade e do gênero no contexto educacional, buscou-se como objetivo geral investigar sobre esta temática nos processos de formação de professores em Ribeirão Preto-SP e Jaboticabal-SP, bem como seus desdobramentos na atuação docente. Tal investigação envolve questões multifatoriais sobre a abordagem do tema no ensino, constituído por elementos teóricos e práticos e que toca aspectos formativos, institucionais, comportamentais, curriculares, epistemológicos, socioculturais e didático-pedagógicos. Assim, estabeleceu-se como objetivos específicos identificar as concepções dos professores sobre sexualidade e gênero, suas formas de abordagem no ensino, as dificuldades encontradas e a percepção sobre a própria formação docente com relação a esses temas.

Assume-se como foco principal as percepções de professores atuantes da Rede Estadual de São Paulo vinculados às Diretorias de Ensino de Ribeirão Preto e de Jaboticabal. Espera-se, com análise feita a partir de seus relatos, contribuir construindo caminhos e possibilidades de transformação para os problemas apontados sobre a temática sexualidade e gênero no ensino.

Apoiamo-nos em aportes teóricos que consideram a problemática da heteronormatividade, construção sociocultural de determinados valores sobre o sexo e o gênero na humanidade, o que acarretou na constituição de normas sociais pautadas na heterossexualidade enquanto padrão de normalidade (SEFFNER, 2013). Este processo constituiu uma matriz heterossexual, a correspondência entre homem e o masculino, mulher e o feminino, e o entrecruzamento afetivo, corporal e comportamental de ambos, o que reduz e impede o reconhecimento das diversas manifestações ou configurações possíveis de sexualidade e de gênero entre as pessoas. Segundo Judith Butler:

Gêneros “inteligíveis” são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero

culturalmente constituído e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual (BUTLER, 2003, p. 38).

A autora argumenta que ambos, tanto o sexo quanto o gênero, são elementos construídos em um mesmo campo discursivo, portanto, envolvidos em contextos socioculturais e políticos, desconstruindo a ideia determinista de naturalização biológica do sexo e construção sociológica do gênero (BUTLER, 2003).

Consideramos que tal construção heteronormativa foi instrumentalizada também na esfera política. Segundo Michel Foucault (1988), a sexualidade foi controlada pelas autoridades estatais visando a manutenção do sistema produtivo, que dependia da boa saúde e continuidade reprodutiva das classes trabalhadoras, processo que envolveu instituições religiosas, médicas e jurídicas na composição de um sistema que garantisse o controle sobre o corpo e a vida das pessoas, o que o filósofo denominou de biopoder.

Portanto, entendendo as dimensões conceituais do sexo e do gênero como sendo construídos socioculturalmente, instrumentalizados no campo político e vivenciados na esfera empírica, a consolidar valores baseados na matriz heterossexual e constituindo padrões envolvendo a sexualidade, estranha-se e nega-se o reconhecimento de manifestações que desviam das configurações esperadas dentro desta concepção, caso de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, transexuais, travestis, *queers* e *interssex* (LGBTQI+).

Nesta perspectiva, nos é possível enxergar que este processo de controle e construção de valores acerca da sexualidade se manifesta também na escolarização, fazendo parte dos processos de formação, permitindo-nos problematizar as expressões da heteronormatividade no ensino e os seus efeitos gerados, tanto no ambiente escolar como fora dele: segregação, exclusão e violências decorrentes do preconceito com relação a diversidade sexual e de gênero.

A presença da heteronormatividade nas escolas se dá por um conjunto de fatores. Guacira Lopes Louro (2013) aponta que há um disciplinamento dos corpos nas escolas por meio da reprodução de representações e comportamentos masculinos e femininos, baseados na matriz heterossexual, um processo que ensina os valores heteronormativos, desenvolvendo-se sobre representações heterossexistas baseadas nas expressões binárias do masculino e do feminino. Segundo Berenice Bento (2011), isso acarreta no estranhamento de identidades divergentes deste padrão, gerando negação, preconceitos e violências contra as diversas manifestações de sexualidade e gênero que possam aparecer.

Este processo educativo acaba por gerar muitos problemas. Entre eles, processos de adoecimento e de sofrimento para estudantes homossexuais no cotidiano escolar, que passam por situações de homofobia e transfobia, ou seja, a discriminação por orientação sexual ou gênero, o que envolve constrangimento, exposição e exclusão por parte de colegas e professores que se fundamentam em posturas baseadas na heteronormatividade, gerando expressões e ações preconceituosas em seus relacionamentos diários (BRANCALEONI; KUPERMANN, 2018; COUTO JUNIOR; OSWALD; POCAHY, 2018).

Outro fator consiste nas concepções existentes sobre sexualidade e gênero, bem como na recepção e abordagem sobre a temática. Parte dos professores e gestores ainda se valem de concepções morais e/ou religiosas, ou convenções socioculturais para lidar com assuntos relacionados à sexualidade e gênero, gerando tratativas que reduzem a temática ao aspecto biológico, reprodutivo ou patológico, ou que negam a sexualidade como expressão pertencente ao ser humano, acarretando em falas e intervenções punitivas que questionam e negam a própria existência do estudante homossexual e suas manifestações de ser (BRANCALEONI; OLIVEIRA, 2016; COUTO JUNIOR; OSWALD; POCAHY, 2018; HENRIQUES; BARBOSA, 2016; MADUREIRA; BRANCO, 2013; POCAHY; DORNELLES, 2010).

Quanto às diretrizes governamentais, podemos apontar que houve iniciativas para promover aprofundamento e ampliação formativa na educação com relação a diversidades, principalmente no período anterior à implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Entretanto, tais políticas apresentavam, ainda, limitações epistemológicas na tratativa dos termos diferença e diversidade, acabando por conduzi-los, também, como marcadores sociais, possibilitando noções que identificam os homossexuais como “sujeitos da diferença e da diversidade”, gerando segregações e agrupamentos perceptivos, em vez de considerar a diferença como aspecto pertencente ao desenvolvimento humano. Além disso, a não aceitação de parte dos professores, gestores, alunos e pais de alunos na implementação de projetos sobre sexualidade e gênero, indicou uma conjuntura sociocultural que expressa os limites da compreensão sobre a temática e, ao mesmo tempo, atesta sua emergência formativa (DORNELLES; WENETZ, 2019; SOARES; MONTEIRO, 2019).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), mais recente documento orientador sobre a escolarização no Brasil, apresenta uma restrição da temática sexualidade às questões biológicas, reprodutivas e patológicas, que são mais voltadas à reprodução humana e infecções sexualmente transmissíveis, bem como a ausência de uma discussão sobre diversidade de gênero, além de uma abordagem genérica e superficial sobre os direitos humanos. Assim, é mínima ou quase nula uma discussão que abranja questões históricas, artísticas, culturais, políticas, afetivas e emocionais sobre o assunto, fundamentos necessários ao desenvolvimento de uma compreensão ampla sobre a temática sexualidade e gênero, assim como a capacidade de reconhecimento e desconstrução de preconceitos.

O tema esteve presente inicialmente no Plano Nacional de Educação (PNE), contudo, foi retirado do documento. Ainda que o Conselho Nacional de Educação (CNE) tenha declarado publicamente, por meio de nota, que considerava insuficientes as diretrizes educacionais no que concerne à sexualidade e ao gênero, em 2015, a BNCC foi implementada mantendo as lacunas, em conformidade com pressões e interferências religiosas e políticas conservadoras. Dessa forma, a ausência da temática sexualidade e gênero na BNCC retrata o contexto ultraconservador que acompanhou seu processo de elaboração (KLEIN, 2015).

Tais ações se refletem diretamente no contexto do ensino, que é orientado por essas diretrizes. O reducionismo temático apontado é expresso nos livros didáticos, elemento que, de tal maneira, deixa de promover um

desenvolvimento amplo, crítico e a quebra de preconceitos existentes com relação à sexualidade e ao gênero, indicando que este material pedagógico dialoga diretamente com o contexto político ultraconservador em que está inserido, sendo, ele, propulsor cultural fundamental e estratégico nos processos formativos (BANDEIRA; VELOZO, 2019).

A perspectiva temática proposta pelas orientações educacionais atuais, reducionistas e limitadas, não condizem com as demandas escolares, visto que a curiosidade, o interesse e as experiências de vida dos estudantes com relação às questões de sexualidade e de gênero ultrapassam a abordagem curricular apresentada, demandando aspectos afetivos, emocionais, sociais, culturais, políticos e artísticos (ALTMANN, 2013; ALTMANN; MARIANO, 2019).

A instituição escolar, assim como todos os aspectos que envolvem a experiência no ensino, apresenta dificuldades com relação às questões de sexualidade e gênero, e, além de não se mostrar eficiente em combater os problemas da homofobia, consolida a produção de valores heteronormativos. Nesta perspectiva, nos dedicamos a conversar com os professores, sujeitos que atuam neste cenário e compõem diretamente as questões da pesquisa.

Trabalhamos com uma abordagem qualitativa, levando em conta o contexto em que os fenômenos estudados estão inseridos, bem como a própria inserção do pesquisador neste processo (também atuante na área da educação) e as possibilidades de variabilidade interna sobre aspectos e descobertas que podem aparecer no decorrer da investigação (ALVES, 1991).

Como instrumento para coleta de dados, empregamos o uso de entrevistas semiestruturadas com professores de Ensino Fundamental II e Médio pertencentes às Diretorias Regionais de Ensino de Jaboticabal-SP e de Ribeirão Preto-SP.

A entrevista semiestruturada configura-se como um diálogo, que ocorre a partir de um roteiro de base, nos auxiliando na condução da interação discursiva com os docentes participantes, possibilitando que o entrevistado toque em pontos de discussão a partir de certos direcionamentos feitos, mas sem que o roteiro seja rígido a ponto de inflexibilizar a entrevista, numa condução que considere o surgimento de novas questões relevantes a serem integradas à investigação (MINAYO, 1986).

Entrevistamos um número total de doze professores, os quais encontramos por meio de indicações, telefonemas e redes sociais de pessoas ligadas à área de ensino, método conhecido como “bola de neve” (GOODMAN, 1961). Este processo seria feito por meio de formulários que foram entregues via Diretorias de Ensino para as escolas, até que chegassem aos professores. Entretanto, devido a alteração na gestão educacional dos municípios, processo decorrente das eleições em 2018, bem como da emergência do seu panorama político que impulsiona o ataque, a deturpação e a recusa à educação sexual nas escolas, não tivemos acesso às informações e mecanismos necessários, fazendo com que o processo via formulários fosse cancelado.

Obrigados a utilizar outras formas de busca, encontramos, por contribuição e indicação de pessoas ligadas ao ensino, professores que atuassem ou tenham atuado na última década nas redes municipal ou estadual no Ensino Fundamental II e Médio, e afirmassem trabalhar ou terem trabalhado, em algum momento, a temática sexualidade e gênero em sala de aula.

Para a análise dos dados obtidos nas entrevistas, utilizamos a Análise Textual Discursiva, método que promove elaborar a reconstrução dos elementos coletados em uma nova compreensão por parte do pesquisador. Desta forma, esta metodologia nos possibilitou desconstruir os conjuntos de dados obtidos, identificar ideias e sentidos que emergiram a partir dos relatos (etapa de unitarização), reorganizá-los e agrupá-los mediante a criação de categorias de análise (etapa de categorização) a partir das compreensões elaboradas pelo pesquisador em consideração às hipóteses e referenciais teóricos levantados (MORAES; GALIAZZI, 2006).

Embora a Análise Textual Discursiva permita uma reconstrução interpretativa e autoral dos dados, ela requer profundo rigor metódico e científico para a aproximação entre seus critérios e a realidade estudada, o que é importante para prevalecer o olhar do próprio sujeito entrevistado sobre o assunto, para que, a partir disso, sejam feitas as associações e problematizações por parte do pesquisador, constituindo um diálogo de contribuição mútua, sem que haja sobreposição de uma visão sobre a outra (SPIVAK, 2010).

As questões elaboradas objetivaram à obtenção de relatos que nos trouxessem a percepção dos professores sobre a temática sexualidade e gênero e seus diversos aspectos relacionados ao ensino, o que nos possibilitou identificar unidades de sentido que acreditamos sintetizar as respostas.

Após todas as transcrições feitas dos relatos, a organização de tais unidades de sentido nos possibilitou construir as categorias de análise que englobam as problemáticas trabalhadas nesta pesquisa, bem como outras que surgiram neste trabalho. Chegamos, portanto, na construção das categorias de análise baseadas nos seguintes aspectos: concepções sobre sexualidade e gênero; manifestações da sexualidade e questões de gênero na escola; contexto escolar e formação para atuação com os temas sobre sexualidade e gênero; possibilidades no ensino.

Ressaltamos, ainda, que a participação no estudo ocorreu mediante a leitura, explicação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que se baseia na resolução N° 466/2012 do CONEP (Conselho Nacional de Ética em Pesquisa), que prevê o respeito à dignidade, a liberdade e a autonomia do ser humano, e a proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos; e os dispostos da resolução N° 510/2016 (CONEP) sobre normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais envolvendo a utilização de dados diretamente obtidos junto aos participantes, que possam acarretar algum tipo de risco; e salienta, ainda, sobre a anuência dos participantes da pesquisa, presente em ambas as resoluções citadas.

Concepções sobre sexualidade e gênero

No que se refere à autoidentificação do gênero, quando questionou-se de forma aberta, sem oferecimento de alternativas previamente estabelecidas, acerca da identidade de gênero das pessoas entrevistadas, foram obtidas cinco formas de respostas distintas, sendo elas: “feminina”, “mulher”, “masculino”, “masculino?”, “heterossexual” e “homem cis”.

A distinção entre as respostas obtidas aponta que ainda não há uma compreensão fixa e/ou consenso sobre este termo, sendo importante ressaltar

que “heterossexual” diz respeito à orientação sexual, não a identidade de gênero, como foi perguntado, expressando o desconhecimento da diferença entre os dois. Também chama atenção o uso de “homem cis” por dois dos entrevistados, nomenclatura que não é comumente utilizada, sendo mais difundida nos últimos anos, com a crescente discussão sobre a temática.

Os professores possuem uma concepção ampla sobre o que é sexualidade, reforçando que ela vai além do ato sexual em si e indicando aspectos que envolvem identidade, comportamento, relações e expressões humanas e sociais que fazem parte de sua composição, configurando-a como um elemento complexo e importante no desenvolvimento humano, como podemos observar pelo exemplo do relato de Carlos:

Sexualidade, bom, primeiramente não é só sexo. Ela envolve aspectos de comportamento, da maneira como você se enxerga, da maneira como você enxerga os outros. Acho que é uma manifestação do corpo. Não é só biológica. É psicológica, comportamental, ela envolve vários fatores sociais. Tem um monte de coisa envolvida aí no meio. (Carlos – professor de biologia e ciências).

Um dos relatos apresentou uma concepção reduzida sobre sexualidade, enquanto formação biológica atribuída ao órgão genital de nascimento:

Eu entendo que é a minha opção física enquanto ser humano, meu corpo, a forma como eu me identifico com meu corpo, eu acredito que seja isso. Na verdade, seria gênero né, o que eu respondi. Sexualidade, bom, a gente pode voltar a primeira pergunta? Eu acho que sexualidade, inicialmente eu entendo mesmo como a minha formação biológica, nascido enquanto homem, com órgão sexual masculino. (Francisco – professor de História).

A confusão apresentada por Francisco em sua resposta denota aspecto importante sobre a dificuldade em delimitar ou visualizar os termos sexualidade e gênero, e o mesmo entende como “opção” a identidade de gênero, além de reduzir a sexualidade a um determinismo biológico.

Apesar disso, é importante ponderar a especificidade dessa amostra, a considerar a existência de uma compreensão ampla sobre sexualidade por parte da maioria dos professores, o que possibilita lidar e trabalhar melhor com o desenvolvimento desta temática no contexto escolar em todos os aspectos em que ela se manifesta, e não reduzi-la ou reprecendê-la.

Quando perguntados sobre gênero, houve uma associação maior com aspecto social, a exemplo de Carlos: “Eu acredito que seja muito mais uma construção social. O que é ser mulher, o que é ser homem, é um estereótipo que foi imposto pela sociedade” (Carlos – professor de Ciências).

Somente um dos sujeitos entrevistados entendeu gênero por uma perspectiva determinista: “Gênero é o sexo masculino e o sexo feminino. É assim que as pessoas nascem” (Beatriz – professor de Ciências).

Uma diferença significativa é o aparecimento de uma concepção voltada à classificação social, indicando que o gênero traz, para eles, um sentido de divisão e diferença na sociedade, assim como a não associação do gênero a

comportamento e manifestações corporais, algo que foi mais relacionado à sexualidade.

Desta forma, podemos considerar que há um entendimento sobre gênero que tende a inclinar-se para forma de marcador ou classificação social, enquanto sexualidade é aproximada à manifestação, comportamento e forma de expressão humana. Entretanto, ambas, sexualidade e gênero, são entendidas por quase todos como aspectos vinculados à forma de ser e interagir do ser humano na sociedade.

Percebe-se, também, que existe um grau de desconhecimento e dúvida acerca do gênero que não houve tanto quando perguntados sobre sexualidade, indicando tratar-se de um conceito que é rapidamente associado a esfera que envolve o social, mas que permanece pouco problematizado e compreendido, impedindo um aprofundamento explicativo maior (algo que ocorreu com mais facilidade com o termo sexualidade), ocasionando falas como “Eu acredito que”, “Talvez”, “Aí a gente confunde”, “Eu diria que”, “Vamos dizer assim”, “Ainda não tenho certeza”, “É muito difícil falar”, “Deixa eu lembrar. Sei lá”, “Não sei te dizer. Não pensei sobre isso”, ou, ainda, gerando indagações diversas ao tentar compreender o que é gênero, a exemplo de Eleonora:

Talvez. Não sei. Aí a gente confunde. Nunca. Gênero. A gente pensa em gênero feminino e masculino. Mas eu posso me sentir homem sendo mulher, tem todas essas questões, a gente pensa nos trans, que sentem isso. Não sei, mas aí eu esbarro no que eu acabei de te falar. A representação da sexualidade. Então, gênero é o que a pessoa é? Biologicamente? Não é. Não sei te dizer. Porque não é também um sexo biológico, não é o que ela nasceu. Ela pode nascer homem e não se sentir isso. E a sexualidade tem a ver mais com o lado, até, mesmo, afetivo, da pessoa e como ela vai se relacionar. Então teria uma inversão aí. É difícil, complicado, (risos). (Eleonora – professora de História).

Sexualidade se apresenta como algo mais claro na explicação dos sujeitos entrevistados (ainda que essas explicações sejam diversas umas das outras), e gênero se mostrou como um termo em que se demonstrou indagações menos certas e até inseguras nas respostas.

Ainda que as concepções sobre sexualidade e gênero não se restrinjam ao caráter biológico e determinista, não há uma certa unidade ou unanimidade nas explicações, mesmo que os caminhos de sentido sejam próximos, sendo a sexualidade mais associada a comportamento e identidade, enquanto gênero se aproxima de aspectos sociais quanto a classificação e diferença, além de gerar muita dúvida, cuidado e até certo receio nas tentativas de explicá-lo ou entendê-lo. Portanto, o gênero comparece como o tema mais espinhoso dentro do campo da sexualidade.

Apesar de não haver reducionismos acerca da sexualidade e do gênero nesta análise, falta clareza no entendimento sobre a temática, além de o termo “opção” (ao invés de orientação) ainda aparecer entre os professores, uma conceituação que vem sendo contestada e problematizada.

Evidencia-se a insuficiência de formação de professores para lidar com as questões de sexualidade e gênero no cotidiano escolar (BRANCALEONI;

OLIVEIRA, 2016). Ainda que educadores se esforcem para buscar autonomamente conhecimento e recursos em espaços informais, os conhecimentos obtidos por esses meios ainda são precários para tratar conceitualmente as questões, assim como para balizar práticas que sejam promotoras do respeito à diversidade sexual e de gênero de forma mais ampla.

Manifestações da sexualidade e questões de gênero na escola

Os professores percebem as diversas maneiras pelas quais se fazem presentes a sexualidade e o gênero na escola. Citando elementos que vão além do contexto escolar (mesmo estando dentro deste), eles observaram aspectos de sexualidade e gênero na presença de professores e alunos LGBTQI+ na escola, na expressão do gênero pela performatividade e comportamento das pessoas, pelos conflitos e estranhamentos ocorridos no espaço escolar por questões sexuais, como o deboche ao chamar alguém de homossexual, bem como opressões sofridas por estudantes LGBTQI+. De modo geral, os professores notam que a sexualidade e o gênero são questões que atravessam o dia-a-dia da escola, de forma explícita ou não, nas diversas relações estabelecidas entre os sujeitos que compõem o seu cotidiano:

Quando eu percebo um preconceito. “Professora, em quem você vai votar?” [...] Mas, vocês não podem achar que se o Bolsonaro ganhar...” – era principalmente com relação aos homossexuais, que vai sair matando. (Beatriz – professora de Ciências).

Se eu vejo que o aluno não tá bem, eu tento conversar. Aí vem a questão de sexualidade. Muitos falam. Uns têm dúvida. Tem um aluno [...] ele veio e falou isso: que sentia tesão por um outro amigo. E aí a gente vai descobrindo. (Daniela – professora de Filosofia).

Quando eu dei aula de Geografia, ia falar de pirâmide etária, a gente falava de taxa de natalidade, mortalidade, etc. De certa forma a gente acabava tocando em alguns assuntos relacionados a questão da sexualidade. (Gabriel – professor de Geografia).

Do currículo é muito mitigado. Do ambiente, sem dúvida. [...] Na escola a gente conta na casa de 50, 60, 70 lgbs. Apenas alunos transgêneros nós temos 4, contando por cima ainda. Então, essa questão de gênero, sexualidade, é colocado por eles. E é colocado também através dos conflitos de que eles enfrentam. (Leonardo – professor de Sociologia).

É interessante notar a forma como essas questões surgem e são percebidas pelos professores, ultrapassando os aspectos anatômicos, patológicos ou reprodutivos sobre a sexualidade: situações de dúvidas, curiosidades e experiências afetivas sobre sexualidade, o contexto político ultraconservador, indicadores demográficos, e os conflitos que os alunos LGBTQI+ enfrentam, o que envolve a individualidade dos alunos e suas relações

com seu meio, com o outro, referências que são levadas para dentro da escola e se manifestam em sala de aula.

O relato da professora Beatriz expõe a relação existente entre preconceitos, sexualidade e política. Para além disso, mostra a relação destes três elementos na percepção dos alunos, evidenciando que as questões de sexualidade e gênero se deslocaram para o campo político, e que este deslocamento se expressa em sala de aula (SEFFNER, 2016).

Relatou-se, também, os enfrentamentos vividos por conta da transfobia e homofobia, o que denota a presença da heteronormatividade e de seus efeitos dentro do espaço escolar, consequências decorrentes da normalização da heterossexualidade e do binarismo de gênero. Segundo Berenice Bento (2011, p. 555):

O que acontece nas salas de aula e nos pátios das escolas? Por que o DSM-IV (Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais) aponta o ingresso na escola como a fase mais crítica? A escola, que se apresenta como uma instituição incapaz de lidar com a diferença e a pluralidade, funciona como uma das principais instituições guardiãs das normas de gênero e produtora da heterossexualidade. [...] Imagine o sofrimento de uma criança que acorda, põe o uniforme da escola e enquanto se prepara, pensa: “mais um dia em que terei que suportar aquele menino me chamando de veadinho; mais um dia em que terei que ficar o recreio inteiro sozinho porque ninguém gosta de brincar e ficar comigo”. Essa é a sensação descrita por pessoas que vivem a experiência transexual que entrevistei quando se lembram da escola – instituição lembrada como um espaço de terror.

Entretanto, grande parte dos professores entrevistados percebe a presença de sexualidade e gênero no contexto escolar somente dentro da dinâmica escolar, em situações formais de ensino, de sala de aula, que envolvem, em sua maioria, atividades ligadas à estrutura curricular e ao conteúdo trabalhado, e também via dúvidas, questionamentos e discussões dos alunos.

A carga horária foi um dos problemas apontados sobre as percepções do professor diante das questões de sexualidade e gênero: “[...] principalmente pra professor como o de História, que entra na sala uma vez por semana só, isso muito facilmente passa despercebido.” (Ian – professor de História).

O fato de muitos professores enxergarem as questões de sexualidade e gênero somente em situações escolares formais, como em discussões ou desenvolvimento de conteúdo curricular, e não as perceberem em outra dinâmica, indica uma dificuldade ou impossibilidade em como perceber tais elementos noutras esferas. Mesmo que eles tenham apontado de forma variada esta presença das questões de sexualidade e gênero, é uma variedade de assuntos, mas ainda configurado e percebido por eles dentro da dinâmica formal da aula.

Na tentativa de proporcionar maior amplitude desta percepção na mesma questão, para aqueles que citaram apenas situações escolares, foram realizadas intervenções, perguntas mais diretas visando proporcionar maior abertura:

Formalmente? Porque se for formalmente, não. Talvez esteja não naquele conteúdo que me é cobrado enquanto professor. Acredito que trabalhem a questão de sexualidade em ciências, com questões reprodutivas e tudo mais, agora a questão da relação de gênero, não. Isso pelo menos não está no currículo de História.

- Formalmente ou informalmente, se está presente.

Aí eu só posso falar de acordo com a minha experiência. Se no meu currículo não está, não deveria fazer isso, pelo menos não me é cobrado que faça. Agora nas minhas aulas sim. Isso é presente. [...] sempre que possível, tento falar sobre, quando eu vejo uma brincadeira de mal gosto que trabalha a questão de gênero. (Henrique – professor de História).

São situações em outras esferas, mas ainda trazidas para dentro da dinâmica escolar, a ser falado e discutido, e não tanto percebido enquanto experiência ou performance humana.

Além disso, assim como o professor Leonardo, Henrique também apontou a limitação de matrizes curriculares, que, em sua área que é História, não aborda a temática sobre sexualidade e gênero, tendo ele afirmado discutir o tema em decorrência de situações que surgem em sala de aula, o que expõe a insuficiência da BNCC diante das demandas multifatoriais que existem acerca deste tema no cotidiano da escola (BRANCALEONI; OLIVEIRA; SILVA, 2018).

Contudo, há percepções de sexualidade que vão além da questão curricular ou da dinâmica da sala de aula, e perceber de forma ampla a presença da sexualidade na esfera humana condiz com a concepção apresentada na primeira questão respondida sobre sexualidade por quase todos os professores: também ampla e plural.

A sexualidade e o gênero estão presentes no contexto escolar e são percebidos de diversas maneiras nas experiências humanas e cotidianas, e essa percepção ampla condiz com o também amplo (mesmo que não tão claro assim) entendimento dos professores acerca desses dois conceitos. Mesmo assim, o padrão e a sistemática da escolarização, ou até mesmo a pouca presença na escola do professor com baixa carga horária, geram limitações para perceber esses aspectos de forma mais ampla, na experiência de viver dos estudantes, na própria existência e performatividade, em situações que não envolvam a dinâmica curricular de ensino e aprendizagem que conhecemos.

Contexto escolar e formação para atuação com os temas sobre sexualidade e gênero

A maioria dos professores entende que a escola mudou ao longo dos anos, pois introduziu-se a temática sexualidade e gênero. De forma geral e sintética, as mudanças apontadas se configuram pela presença deste tema no âmbito escolar (diante da quase ausência em outros períodos), pela maior ou mais aberta manifestação da sexualidade por parte dos alunos, pelo acesso à informação, pela maior representatividade neste aspecto e por mudanças na sociedade.

Alguns professores citaram que, apesar da presença do assunto ser uma mudança significativa ao longo dos anos, a própria escola em si é um impedimento para o seu desenvolvimento. Muitos apontaram haver resistência e preconceitos por parte dos professores diante da temática, por questões morais e religiosas interferindo na gestão escolar, e que a escola tem dificuldades para acompanhar as mudanças sociais, considerando mudanças positivas entre as pessoas, por parte dos alunos e pela iniciativa de alguns professores ao lidarem e trabalharem a temática, porém, não visualizando isso na instituição escolar em si. Alguns desses aspectos estão no relato de Ian:

A escola mudou, hoje se fala dessas questões. Agora, ainda falta muito. A escola ainda é tradicional, é burocratizada [...] Se eu comparar com a minha infância, hoje existe um discurso mais intenso, mais frequente de tolerância, de respeito. [...] A escola tenta acompanhar essa mudança. A sociedade tem mudando e a escola tá indo a reboque. Não tá sendo uma mudança feita exatamente pela educação. A educação formal eu acho que não tem exercido grande influência. (Ian – professor de História).

Mudou bastante por causa da demanda. Os lgbs se colocaram, eles não conseguiram um grande empoderamento, mas, conseguiram um empoderamento, e conseguiram fazer valer suas demandas. [...] E acho que a escola é um lugar privilegiado que daria espaço pro estudante ser ele mesmo. Mas isso não acontece. (Leonardo – professor de Sociologia).

Apesar das mudanças ocorridas na sociedade ao longo dos anos, em questões citadas como empoderamento, liberdade e respeito, é importante considerar, também, o novo aumento do conservadorismo, bem como da resistência no âmbito escolar. O fato de a temática ter sido inserida no currículo não significa que ela seja bem desenvolvida, manifestada, ampla ou até mesmo bem aceita:

Então eu acho que talvez uma visão religiosa é o maior entrave que eu tenho hoje [...]. Ano passado a gente teve problema de um aluno que tava sofrendo preconceito por parte de um grupo de alunos. Eles agrediram o rapaz homossexual. [...] Já encontrei dificuldades de gestores que pediram no planejamento do início do ano para a gente evitar de abordar esse tema e pedir pra eles se dirigirem a professora de ciências. Eu acho que pela questão da discussão e pelos valores ainda, pela questão religiosa. (Francisco – professor de História).

O relato de Francisco expõe deficiências no processo de formação de professores. A ausência da temática abre espaço para as práticas docentes que se alicerçam em concepções pessoais de cunho moral e religioso, tratando de forma reducionista a sexualidade e o gênero nas dimensões do ensino e da gestão escolar (BRANCALEONI; OLIVEIRA, 2016; BRANCALEONI, KUPERMANN, 2018; COUTO JUNIOR; OSWALD; POCAHY, 2018).

As tensões e os obstáculos existentes no contexto analisado são obstáculos para o desenvolvimento da temática sexualidade e gênero na escola,

constituindo um cenário problemático que não se mostra propício para isso. Nesta perspectiva, quando há a presença das questões sobre sexualidade mas não há suporte para elas, apresenta-se mais como uma inclusão perversa (SAWAIA, 2001) do que como um instrumento para uma educação que ensine e valorize a vida em diversidade, pois configura-se como recurso de controle e disciplinarização social (FOUCAULT, 1988), para forjar uma maneira de sexualidade e não compreender a sua diversidade, acarretando em processos de exclusão decorrentes da homofobia e transfobia.

Fala-se de sexo nas escolas, está presente no contexto escolar e no currículo. Mas de que forma? Reduzida, limitada, obstaculizada, ridicularizada, aspecto que dialoga com as interferências da heteronormatividade construída socialmente. Ainda se sobressaem mais os problemas do que as soluções e as superações, mesmo com a existência de boas intenções, tentativas e iniciativas por parte dos professores.

Podemos dizer que a presença da temática sexualidade e gênero na formação dos professores se resume na ausência ou quase ausência dela. Quando afirmaram ter visto algum aspecto em sua formação, tratou-se de uma abordagem muito rápida ou limitada:

É difícil a gente pensar nisso porque a gente não teve formação pra isso. Eu, na Biologia, na Pedagogia muito menos, não tive disciplina de educação sexual. Eu tive na minha formação inicial a parte de reprodução, a parte de doença, um discurso biológico. (Carlos – professor de Biologia).

Não. No máximo a questão da prevenção. De assim "oh, é importante que tratem como temas transversais", na Pedagogia. Na Filosofia isso não foi tratado não. [...] A questão de orientação, identidade, eu que fui levar isso pra aula, questionar e trazer isso, porque o próprio professor não sabia como tratar esse tema. (Marco – professor de História, Filosofia e Sociologia).

Este quadro evidencia um grande problema em nossa análise: se não houve a presença da temática sexualidade e gênero na formação dos professores, como isso se reflete no trabalho em sala de aula? O efeito no trabalho docente não é o mesmo, não acompanha simplesmente a falta de formação, pois, para além da ausência da temática, o professor, ao lidar com situações que envolvem sexualidade e gênero, pode reproduzir estereótipos e preconceitos, alimentar tensões socioculturais já existentes, manter o reducionismo temático e cristalizar ideias preconceituosas e deterministas, ao em vez de simplesmente ignorar o assunto. Ainda assim, a manutenção dos valores heteronormativos ocorre, mesmo, quando se ignora ou não se fala sobre o assunto. O silenciamento, além de não combater o preconceito, acaba por mantê-los.

Portanto, a ausência da temática na formação não ocasiona apenas a igual ausência na prática docente, pois, de fato, esse silêncio se faz muito presente, na forma de problemas. Ocasiona, muitas vezes, a continuidade de um processo educativo opressor, que não promove o respeito à diversidade, decorrente da falta de recursos dos professores para lidar com isso, que passam

a procurar formações em outros espaços informais, como pode ser observado no relato de Eleonora: “Bom, no curso de História eu não sei como isso se encaixaria, sinceramente.”

Isso evidencia a falta de subsídios das outras disciplinas para lidar com a temática sexualidade e gênero, o que impede o trabalho interdisciplinar, além de os professores passarem a procurar formações em outros espaços informais.

Possibilidades no ensino

São muitas as questões que permeiam o ensino sobre a temática sexualidade e gênero apontadas até aqui. Mas podemos e precisamos pontuar as possibilidades existentes, as quais identificamos por meio das falas dos professores. A curiosidade, o desejo de saber, de viver, o acesso à informação, o uso da tecnologia, as próprias vivências pessoais e o desenvolvimento humano, a politização e criticidade existente entre os alunos em questionar padrões, todos esses são aspectos que nos fazem enxergar mudanças e possibilidades de abertura dentro da instituição escolar, provando haver, sim, mudanças sociais que são manifestadas de certa maneira dentro da escola. Ainda que obstaculizadas, evidenciam que as rachaduras socioculturais estruturais estão cada vez mais dilatadas e não há concreto que possa solidificar sua liquidez.

Após analisar os relatos dos professores, observamos a existência de caminhos e possibilidades no ensino sobre sexualidade e gênero, que podem ser elencados em três linhas gerais: a curiosidade dos alunos como caminho para desenvolver a temática; a abertura e o interesse dos professores em obter conhecimentos sobre este tema; e o crescimento da visibilidade e protagonismo de sujeitos LGBTQI+. Vejamos como tais aspectos se expressam para estes professores:

Eles querem saber o que é hermafrodita. Por que, como que a gente transa. [...] Eles são participativos, têm interesse. Até aquele que tem o nariz mais torcido em relação a determinados assuntos tem a curiosidade, ele procura entender. Quando você trabalha esses assuntos eles são participativos. Ou, quando eles não participam tanto oralmente na realização das atividades, eles não apresentam bloqueio, não são aqueles que brigam ou se recusam a fazer as coisas. (Carlos – professor de Ciências).

Aos poucos a gente vem tendo uma abertura maior pra poder falar sobre isso. Mas tudo isso é forçado por conta das demandas que o jovem vem trazendo. [...] Você tem grupos do Facebook que faz amizade [...], leva isso pro *Youtube*, começa a fazer vídeo. [...] E aí essa nova geração começa a ter o que? Referências. Então, esses adolescentes, esses jovens, muitos deles já assistem canal Põe Na Roda, acompanha a Lorena Fox que é drag. Esse grupo se junta e começa a dar valor pra produção que é cultural, então começa a exaltar as drags, então você tem Pablo Vitar se destacando, Gloria Groove. Você começa a ter personalidades a quem você se mira. Então, no caso de gays afeminados, que são gêneros não binários, na hora que eles têm um Pablo Vitar indo fazer show na Europa, nos

Estados Unidos, isso é uma grande referência pra eles. (Marco – professor de História, Filosofia e Sociologia).

A curiosidade dos alunos é um importante elemento de possibilidade apresentado. Segundo os professores, a postura dos estudantes é de interesse sobre as questões de sexualidade e gênero, o que se mostra positivo para explorar a temática, visto que um maior envolvimento com os assuntos trabalhados pode gerar um processo de aprendizagem mais significativo. Isso evidencia, também, a insuficiência da BNCC, visto que este desejo de saber ultrapassa os aspectos reprodutivos, anatômicos e patológicos a que se destina a orientação curricular nacional.

A curiosidade como porta de entrada se faz essencial no desenvolvimento da formação, tanto para o estudante quanto para o professor, e deve ser, além de estimulada, acolhida no ensino. O que nos leva à segunda possibilidade: abertura, curiosidade e receptividade do professor. Negar a curiosidade, a pergunta, o querer saber dos estudantes é, também, negar uma educação mais significativa e humanizada, o que ocorre muitas vezes pela deficiência formativa docente e do sistema educacional (FREIRE, 1996).

Os professores também demonstram interesse ao reconhecerem seu não saber e buscarem, nos recursos que têm, informações e conhecimento sobre a temática sexualidade e gênero.

Quando o professor se coloca como exemplo, ou permite abertura diante da curiosidade e das indagações dos estudantes, ele humaniza o processo de ensino que, geralmente, se mostra rígido e distanciado desta relação. Essa prática possibilita a manifestação de subjetividades em sala de aula, ao invés de reprimi-la ou silenciá-la, ampliando a visão sobre os aspectos socioculturais de mundo e favorecendo a desconstrução de preconceitos.

O acolhimento da curiosidade permite a quebra desta rigidez, a abertura ao diálogo e uma maior aproximação dos estudantes no processo de ensino, o que pode promover um melhor desenvolvimento das questões sobre sexualidade e gênero trazidas pelos estudantes, seja por meio de perguntas ou das próprias experiências e tensões pessoais vividas (BRANCALEONI; KUPERMANN, 2018).

Desta forma, a escola é um espaço de oportunidades para se trabalhar os aspectos relacionados à sexualidade e ao gênero, bem como a desconstrução dos valores heteronormativos, em uma abordagem mais ampla sobre o desenvolvimento humano, além de posicioná-la ao contexto dos estudantes, o que nos conduz à possibilidade de visibilidade e protagonismo de sujeitos LGBTQI+.

O relato do professor Marcos aponta para a presença mais visível da diversidade sexual e de gênero na sociedade como promotora de referenciais para os estudantes, expressando-se também no cotidiano escolar.

A ampliação da paisagem sociocultural na atualidade se mostra com o aparecimento de novos sujeitos sociais, até então reprimidos ou silenciados. Ao conquistarem espaços e ganharem protagonismo, tornam-se referências para a projeção de diversas identidades que se reconhecem em suas figuras e ações (HALL, 2006).

Assim, personalidades LGBTQI+ que se popularizaram e apareceram na mídia e nas redes sociais geram maior representatividade e visibilidade. Além de

representarem, debaterem e explorarem de alguma forma as questões sobre sexualidade e gênero em amplo alcance popular, promovem um maior encorajamento e abertura para desenvolvimento e contextualização deste tema.

Tais possibilidades apresentam a dimensão do aluno, do professor e do contexto em que estão inseridos, e a inter-relação entre eles. Apresentam-se como caminhos possíveis para desenvolver a temática sexualidade e gênero, ao mesmo tempo que mostram a insuficiência curricular, formativa e a rigidez de um sistema que não atende às demandas estudantis com relação a um ensino mais humanizado.

Considerações finais

As tensões presentes no diálogo entre a escola e o contexto sociocultural em que está inserida é indicada pelos descompassos existentes entre a abertura por parte de estudantes e professores diante da temática sexualidade e gênero, e as dificuldades e resistências que encontram ao tentarem desenvolvê-la ou manifestá-la. Contudo, apesar dos entraves e obstáculos apresentados, a escola se mostra, também, como um espaço de oportunidades para o desenvolvimento da temática sobre sexualidade e gênero, sendo o professor e o estudante sujeitos fundamentais para promover desconstruções e mudanças necessárias no cotidiano.

O interesse e a curiosidade dos estudantes sobre a temática, a difusão de informações e sua facilidade de acesso pela tecnologia dos meios de comunicação dentro e fora da escola, o aumento da representatividade de sujeitos LGBTQI+ que ascendem socialmente de maneira notável, as iniciativas e tentativas de trabalhar a temática, o reconhecimento sobre a deficiência formativa dos professores e o interesse em realizar formação continuada, são aspectos que podem ser considerados também como oportunidades de abertura para se pensar em novos caminhos para a formação docente, na dimensão teórica e prática, considerando as demandas socioculturais atuais e os mecanismos que podem atendê-la, assim como um currículo que vise refletir e superar esses problemas relativos a diversidade, sobretudo a questão da homofobia.

Sensibilizar e construir consciências e identidades que respeitem a vida e a diversidade humana, ampliar e difundir conhecimentos e aprendizados sobre as diferentes realidades existentes, constituindo um ensino mais significativo e promotor de respeito e convivências multifatoriais. É possível contextualizar os diversos conteúdos e assuntos às experiências que se fazem presentes de várias maneiras no contexto escolar, e a estrutura educacional deve ser reestruturada para permitir isso, pois é este formato deficitário e limitado que permeia as formações docentes, as cargas horárias, a escolha dos conteúdos, e os demais aspectos da escolarização que foram apontados na pesquisa.

Para isso, é necessário haver articulações políticas conduzidas por uma visão que valorize a educação para a vida em diversidade, pois o que ocorreu

negativamente com a Base Nacional Comum Curricular, na redução e silenciamento da temática sexualidade e gênero no decorrer de suas seiscentas páginas, foi um retrocesso para o ensino, porém, também mediada por articulações políticas. Assim, -aponta-se para a necessidade de uma proposta educacional amplamente democrática, que vise explorar e desenvolver um ensino a partir das principais demandas sociais e educacionais.

Referências

ALTMANN, Helena. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. **Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 69-82, 2013.

ALTMANN, Helena; MARIANO, Hugo Romano. Crianças e adolescentes ministram aulas sobre gênero na universidade: experiência pedagógica e constituição do sujeito. **Revista Diversidade e Educação**, v. 7, n. 1, p. 244-259, Jan/Jun, 2019.

ALVES, Alda Judith. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo (77), maio 1991, p. 53-61.

BANDEIRA, Andreia; VELOZO, Emerson Luís. Livro didático como artefato cultural: possibilidades e limites para as abordagens das relações de gênero e sexualidade no Ensino de Ciências. **Revista Ciência e Educação**, Bauru, v. 25, n. 4, p. 1019-1033, 2019.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, p. 549-559, 2011.

BRANCALEONI, A. P. L.; KUPERMANN, D. Sexualidade, gênero e abjeção entre os muros da escola: um olhar da psicanálise. In: PERINELLI NETO, H. (org.). **Ensino, Diversidades e Práticas Educativas: pistas, experiências e possibilidades**. Port Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

BRANCALEONI, A. P. L.; OLIVEIRA, R. R. Silêncio! Não desperte os inocentes: sexualidade, gênero e educação sexual a partir da concepção de educadores. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 10, 2015.

BRANCALEONI, A. P. L.; OLIVEIRA, R. R.; SILVA, C. S. F. Diversidade sexual e de gênero e Base Nacional Comum Curricular: caracterizações e proposições. In: **III Congresso Brasileiro de Ensino e Processos Formativos - UNESP/IBILCE**, 2018. São José do Rio Preto, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos; POCAHY, Fernando Altair. Gênero, sexualidade e juventude(s): Problematizações sobre heteronormatividade e cotidiano escolar. **Revista Civitas**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 124-137, jan.-abr. 2018.

DORNELLES, Priscila Gomes; WENETZ, Ileana. Uma análise generificada sobre o projeto gênero e diversidade na escola. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 49, n. 173, p. 226-243, jul./set. 2019.

GAIOLI, F. M.; BRANCALEONI, A. P. L. *A força do silêncio: sexualidade e gênero na formação de professores no interior paulista*.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996, n de páginas

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GOODMAN, Leo. Snowball sampling. **Annals of mathematical statistics**. V. 32, p. 148-170, 1961.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HENRIQUES, Eduardo; BARBOSA, Guilherme. As performatividades de gênero no espaço escolar: abjeção e formação crítica para a cidadania. **Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica**, Recife, v. 2, n. 1, p. 51-72, CAP UFPE, 2016.

KLEIN, Remí. Questões de Gênero e Sexualidade nos Planos de Educação. **Coisas do Gênero**, São Leopoldo-RS, v.1, n. 1, p. 145-156, ago.-dez. 2015.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.) **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral; BRANCO, Ângela Uchoa. Gênero, Sexualidade e Diversidade na Escola a partir da Perspectiva de Professores/as. **Temas em Psicologia**. Vol. 23, nº 3, p. 577-591, 2015.

MEDEIROS, Ettore Stefani. Necropolítica tropical em tempos pró-Bolsonaro: desafios contemporâneos de combate aos crimes de ódio LGBTfóbicos. Reciiis – **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**. Abr.-jun.; 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise Textual Discursiva: Processo Reconstrutivo de Múltiplas Faces. **Ciência e Educação**, v. 12, n. 1, p. 118-126, 2006.

POCAHY, Fernando; DORNELLES, Priscila Gomes. Um corpo entre o gênero e a sexualidade: notas sobre educação e abjeção. **Instrumento**, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 125-135, jan./jun. 2010.

SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SEFFNER, Fernando. Atravessamentos de gênero, sexualidade e educação: tempos difíceis e novas arenas políticas. **Educação, movimentos sociais e políticas governamentais**. UFPR. Curitiba, PR. 2016.

SEFFNER, Fernando. Sigam-se os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 145-159, jan./mar. 2013.

GAIOLI, F. M.; BRANCALEONI, A. P. L. *A força do silêncio: sexualidade e gênero na formação de professores no interior paulista*.

SOARES, Zilene Pereira; MONTEIRO, Simone Souza. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 73, p. 287-305, jan./fev. 2019.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?**. Belo Horizonte: Ed Editora UFMG, 2010.

Enviado em: 22/abril/2020 | Aprovado em: 01/junho/2020